

Certos pensamentos são orações. Há momentos em que o corpo, qualquer que seja a sua atitude, está de joelhos.

Víctor Hugo

ANO V — N.º III  
MARÇO  
31  
1 9 5 7

AVENÇA

# A Voz de LOULÉ



SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na  
TIPOGRAFIA UNIÃO  
Rua Tenente Valadim, 30-1.º Esq.  
Telefone 154 F A R O

DIRECTOR  
JAIME GUERREIRO RUA

EDITOR E PROPRIETÁRIO  
JOSÉ MARIA DA PIEDADE BARROS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
GRAFICA LOULETANA  
Rua da Carreira, 42-44  
Telefone 216 LOULÉ

## INSTRUIR E EDUCAR

**PASSOU-NOS**, há anos, pelas mãos e sob a vista uma colecção de livros cujo conjunto formava o ciclo da instrução primária em França. A matéria estava distribuída por sete classes, numeradas em sentido descendente, começando-se portanto na sétima para acabar na primeira classe.

Interessou-nos bastante o conteúdo dessa matéria, pois dele constava apenas o que era essencial à vida do homem, sem a preocupação de formar sábios nem a ideia de oficializar a ignorância. A distribuição era feita pelas classes tendo em conta o desenvolvimento da inteligência da criança, numa graduação que permitia a subida em rampa suave, chegando-se ao fim sem cansaço nem fadiga, mas com uma dose de conhecimentos perfeitamente sólida e equilibrada. Via-se que a pedagogia intervinha a cada passo, pois tanto no método como em processos nunca se forçava o aluno ao salto e à surpresa, e muito menos ao apelo da memória para retenção de matéria abstracta. As ciências eram ministradas em lições de coisas, umas ao ar livre outras em gabinete, conforme a natureza do assunto. Até a cor do papel era tomada em muita

conta para evitar doenças dos órgãos visuais.

Não fiquei, porém, a saber, ante o programa, se aquele conjunto era considerado base para admissão ao liceu ou se em qualquer altura havia derivantes para esse e para outros ramos do ensino, hipótese esta absolutamente aceitável, atendendo à vastidão da matéria.

Somos do tempo da nossa antiga «escola régia», cujo ensino estava nas mãos da velha pedagogia, onde se aprendia em quatro classes o julgado suficiente para aquilo que hoje reclama o curso dos liceus. Com a quarta classe ascendia-se a chefe de secretaria, a chefe de secção, a escrivão-notário, etc., e não se diga que as coisas andavam tão mal

(Continuação na 2.ª página)

## Transportes para a Estação

**SABIDO**, como é, que as automotoras Lisboa-Algarve e vice-versa, iniciam a sua carreira no dia 31 do corrente a todos os louletanos ocorre a pergunta:

— Então e para ir à estação? E por toda a parte se ouve um clamor: — A EVA devia fazer as carreiras de ligação!

Ora o problema tem de se equacionar com calma, equidade e ponderação. Não há dúvida que o concelho de Loulé, deve à Empresa de Viação Algarve, um sistema de interligações que é a base do seu fomento económico. Pode mesmo dizer-se, que a EVA representa um serviço de interesse social, económico

(Continuação na 2.ª página)

## Transcrições

### NEM TANTO AO MAR...

Do nosso prezado colega da capital, o diário «A Voz», de 26 do corrente, transcrevemos com vênio o interessante e judicioso artigo publicado na sua secção «comentário».

Vale por si e é pena que, ou por politiquice ou por falta de política, a juventude a quem, dentro de poucos anos compete dirigir as nações, atinja o alheamento a que chegou quanto aos grandes problemas dos seus países.

«Ter como principal preocupação a política é sem dúvida um mal. O excesso da política tem prejudicado muito os países, que dessa moléstia padeceram. Portugal e

todos os países latinos disso colheram não pequenos prejuízos. Mas abandoná-la de todo é outro mal. Ficam sós em campo os aventureiros e os sinistros agentes do extremismo antinacional.

Ora na nossa idade se está a caminhar para esse inconveniente. Lemos que em França se fez um inquérito entre 3.500 recrutas, provenientes de 11 cantões e pertencentes a variadas profissões e classes sociais: estudantes, operários, empregados públicos e particulares.

Versou o inquérito sobre assuntos de política e rudimentos da vida administrativa da França. E os resultados do inquérito revelaram

(Continuação na 3.ª página)

## LOULÉ

na posse do Chefe do Distrito

Por lapso do nosso redactor em Lisboa, o jornalista Luís Sebastião Peres, não foram mencionados, na reportagem da posse, no Ministério do Interior, do Sr. Governador Civil, os senhores José João Ascensão Pablos, illustre vice-presidente do município, Dr. Manuel Cabeçadas e Francisco José Ramos e Barros, representante da Santa Casa da Misericórdia que, propositadamente, se deslocaram a Lisboa, aonde foram levar a presença do nosso concelho.

## Conheça a nossa terra

«Todo o litoral algarvio, radiante de clareza, doirado pelo Sol, rendilhado de espuma alvacentas, é um poema de beleza divina, cenário imponente e inconfundível, onde a luz e a cor se combinam em magistrais sinfonias.» — Julião Quintinha



## Pelo Hospital da Misericórdia

**SABE** a população da vila que, nos últimos tempos, os serviços do Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Loulé têm aumentado, não só porque é frequente ouvir-se dizer a qualquer hora, que o Dr. Cabeçadas está a operar, como também porque, quem passa à Avenida de Marçal Pacheco nota, quase sempre maior movimento nas proximidades da Misericórdia.

No entanto essa impressão não passa de campo conjectural para quem não tenha contacto suficiente com os serviços e por isso, no intuito de elucidar a população e principalmente aqueles que, com a sua generosidade, têm contribuído para o desenvolvimento e manutenção da instituição, pedimos à Mesa uma pequena resenha do que tem sido a actividade hospitalar nos últimos seis meses — de Setembro de 1956 a Fevereiro último.

Eis os números:

**Internamentos** — Foram internados 208 doentes, o que dá a média de 34 por mês,

## 1.900 contos

para a Colónia de Férias da F. N. A. T., em Albufeira

A adaptação do edifício da F. N. A. T. da Praia de Albufeira a Colónia de Férias para Trabalhadores, importará nesta elevada quantia, devendo as obras começar brevemente segundo informações vindas a público.

## Obra dos Sapais de Alvor

**P**ELA Direcção Geral dos Serviços Hidráulicos continuam a ser intensificados os trabalhos de construção da Obra hidroagrícola dos Sapais de Alvor, entre Lagos e Portimão, no Algarve, que se destina a beneficiar 1.800 hectares de terras, ao longo dos cursos inferiores das ribeiras de Odeáxere, do Arão, do Farelo e da Torre, compreendendo obras de defesa, de enxugo, de dessalgação e de rega de terras doces, de terras salgadas e de sapal.

Na ribeira de Odeáxere e no local designado por Bravura, será construída uma barragem-abóbada de betão, cuja empreitada foi recentemente adjudicada, juntamente com a construção da tomada de água da albufeira e o troço inicial do canal condutor geral, pela importância de Esc. 16.422.895\$70.

Foram também já adjudicadas a construção da rede primária de rega, a jusante da central hidroeléctrica, por Esc. 12.492.434\$00, e empreitadas subsidiárias, de construção de estradas de acesso e de edifícios, num total de 1.511.074\$;

Encontrava-se já em curso a empreitada de fornecimento e montagem dos equipamentos da central hidroeléctrica de Odeáxere, o qual terá lugar em 24 do próximo mês de Abril, sendo a base de licitação de 1.900.000\$00.

dos quais 145 entraram como pobres.

**Consulta externa** — Estão registadas observações (consultas) em 843 doentes, dos quais 467 gratuitamente, tendo pertencido, destes, 419 ao director clínico.

**Movimento operatório e banco** — De 282 interven-

ções de grande cirurgia registadas, 204 foram gratuitas e fizeram-se no banco 2.050 tratamentos.

Anota-se que o bloco operatório foi, durante estes seis meses, apetrechado com a aparelhagem necessária à segurança dos serviços: aparelho (Continuação na 3.ª página)

## Santuário N. Senhora da Piedade

**D**OS ilustres architectos srs. José Maya Santos e Nereus Fernandes, respectivamente, membros do júri e 2.º classificado (2.º por não haver 1.º) no concurso para o projecto do Santuário de Nossa Senhora da Piedade, recebemos as cartas que a seguir gostosamente publicamos.

Como elas se referem ao artigo saído no nosso n.º 107, desejamos confirmar que o aludido artigo exprimiu uma opinião meramente pessoal e não teve a pretensão de interpretar o critério, declarações ou propósitos do júri, cujas razões o articulista não conhecia em pormenor. Ficou-lhe o mérito de provocar as duas interessantes cartas.

Não houve — estamos autorizados a dizê-lo — intenção de apreciar qualquer dos projectos, mas de exprimir uma reacção contra certos excessos do modernismo que na pintura, na escultura, na arquitectura e na música, parecem querer traduzir interpretações patológicas da vida e dos sentimentos que, em boa verdade, apenas rogarão, como tendência, certos pormenores de alguns projectos.

Pois não exteriorisam um tanto de loucura o rock and roll, os pés e mãos monstruosas perante as quais se extasiavam os apreciadores dessas imagens que parecem ter sido trasladadas de gravuras de doentes de elefantíase, dos livros de patologia médica?

O architecto sr. Maya Santos interpretou com felicidade a frase «o mínimo de transigência com o gosto comum» por «o mínimo de inteligibilidade» pelo comum.

Realmente quando o homem comum, de mediana cultura, não entende uma obra de arte (já não dizemos não a sente) é porque alguma coisa está errada e em nosso entender (também é opinião pessoal) ou a obra e os seus admiradores são anormais, patológicos, ou o autor gosa a toleima dos snobs. Quando a maioria estiver, sinceramente, a seu lado, então sim, tal qual como quando 60 % das pessoas nascerem com um olho só, passará a ser fenómeno patológico ter dois. Será afirmação atrevida, mas... os gostos não se discutem.

Saimos já fóra da apresentação das duas cartas, contra os nossos propósitos e entramos, sem o querer, em generalidades que nada tem a ver com o concurso e com os projectos e encerramos este apontamento esclarecendo que só por deficiente informação ou por má interpretação, se atribuiu representação oficial no júri, do Movimento de Renovação da Arte Religiosa.

Lisboa, 19 de Março de 1957

Ex.º Sr. Director

Ex.º Sr. Director de «A Voz de Loulé»

Publicou o jornal que V. Ex.ª dignamente dirige, na sua edição n.º 107 de Março corrente, sob a epígrafe **Santuário de Nossa Senhora da Piedade**, um artigo em que se procura esclarecer e informar o público acerca da projectada construção daquele Santuário dando conta do resultado das reuniões do júri encarregado de apreciar os ante-projectos de concurso levado a efeito pela Diocese do Algarve e tocando algumas considerações a propósito do tema Arte Religiosa.

Parecendo-nos que, além de inexactidões, o artigo em questão se prestava a interpretações duvidosas, tanto acerca do concurso referido como

(Continuação na 4.ª página)

## Monumento ao Dr. Bernardo Lopes

**R**EUNIU-SE no dia 22 do corrente a Comissão Executiva Pró-Monumento ao grande médico e dedicado amigo dos pobres que em vida se chamou Dr. José Bernardo Lopes, cujo falecimento deixou uma lacuna difícil de preencher no meio louletano e uma saudade profunda em todos os habitantes, rico ou pobre, pequeno ou grande, velho ou novo deste populoso e morigerado concelho, porque a todos ele acolhia com igual disvelo e carinho.

Não admira por isso que a ideia de lhe erigir um monumento condigno, na terra onde durante 56 anos consecutivos exerceu a sua profissão da maneira mais abnegada, como se exercesse um sacerdócio nunca calculando o estipendio para prestar a sua assistência, nunca se poupando a fadigas para exercer a sua missão.

Assim a ideia brotou viva, latente, num desejo muito forte e sincero de conseguir que uma memória fique numa das praças ou avenidas desta vila a atestar aos vindouros a gratidão de um povo por quem tão desveladamente se esforçou sempre por lhe evitar dores e sofrimentos.

Como médico foi um incansável e indefesso trabalhador, aliando ao trabalho constante e persistente os primores de uma inteligência viva e sempre em actividade, dedicando ao es-

(Continuação na 3.ª página)

## Trágico desastre de viação

**N**A passada 4.ª feira, cerca das 9 horas, seguia para Torres Novas, onde residia, o Rev.º Padre Durão Alves, 66 anos, Prior naquela localidade, de onde também exercia funções de professor de um Colégio. Acompanhava-o sua irmã, Sr.ª D. Amélia Durão Alves, e regressavam de uma visita que tinham feito a outra irmã, senhora religiosa, que dirige o Asilo de Nossa Senhora de Fátima, de Olhão, mais vulgarmente conhecido no Algarve por: «Asilo do Rev.º Cônego Delgado».

Satisfeitos e despreocupados do grande perigo que corriam, reviviam certamente os agradáveis dias de convívio

(Continuação na 4.ª página)



# Loulé... em retrato

**F**ALECEU a D. Ernestina que foi, em Loulé, chefe dos Correios, durante mais de 36 anos!

Facto que poderá parecer vulgar, hoje, que o ritmo veloz da vida impõe uma consideração quase meteórica dos casos que acontecem, merece, no entanto, um relevo especial.

Numa época em que as notícias emocionantes se sucedem e, por vezes, as mais chocantes e desencontradas, quase não há lugar para recordar a vida dos mortos!

Mas porque a vida desta senhora, durante tantos anos, na sua profissão de destaque num meio em que todos se conhecem, se exerceu e pela forma e significado humano que sempre soube dar ao seu exercício, merece algumas passagens de exaltação, de admiração e reconhecimento.

E' que, quando a função de servidor do público, seja qual for o cargo, é exercida com bondade, tolerância, compreensão das formas de reagir dos clientes e adaptação dos regulamentos às necessidades dos mesmos, tem o seu quê de humano e impõe-se pelo seu alto significado de solidariedade.

Quantas vezes, esta boa senhora, ultrapassando a gentileza e paciência que os regulamentos lhe aconselhavam, recebia uma encomenda fora de horas, porque era uma mãe extremosa que queria que a mesma fosse entregue ao filho no prazo mais curto!

Quantas vezes era a própria senhora que, a gente pobre e humilde, cheia de santa paciência, atava ou ensinava a atar um embrulho, para que se confinasse dentro das normas precisas para ser aceite!

Quantas vezes, em casos de doença grave ou de morte de pessoas de família, a senhora colaborava com a aflição de quem a procurava para expedir um telegrama cujo ende-

reço, por vezes, era mais que insuficiente ou deturpado!

Quem é que na vila e nas duas freguesias que compunham a área servida pelos C. T. T. de Loulé, não conhecia a senhora D. Ernestina!

Quanto humanismo não houve sempre no atendimento do público, nos tempos difíceis das greves e barafundas, para saber onde parava uma carta, um vale, ou uma encomenda!

Muitas vezes, gente humilde, se referia à bondosa chefe dizendo: «A senhora que está nos correios!»

Dentro do rigor das normas e regulamentos que a Administração nos impõe, há sempre lugar para um acto de bondade, que, não contrariando essencialmente o dever, pode ultrapassá-lo em benefício da colectividade ou do seu semelhante.

E quando o funcionário pratica com frequência actos desses, dignifica-se porque o conteúdo da sua missão exerceu-se para além da obrigação, para se integrar num acto de humanidade, porque representa um sentido de servir em que não há apenas o cumprimento de uma finalidade, mas um alto espírito de compreensão, cada vez mais raro nos tempos que vão passando.

E a senhora que morreu e que era tão conhecida em Loulé, merece bem este elogio póstumo porque foi a bondade em pessoa.

Talvez tantos a quem ela salvou, serviu e favoreceu não tivessem tido numa determinada altura—no momento de afastamento das suas funções—uma compreensão que deviam ter, de quanto perdiam nesse afastamento e da homenagem que lhe era publicamente devida, mas como se disse já, a velocidade da vida de hoje não deixa tempo para se agradecerem os primores de alma dos que se sacrificam pelos outros.

Reporter X

## FURGONETA

Vende-se uma, marca Ford em muito bom estado, série 14, fechada, 600 kg

Tratar com Arlésio Castanho—Telefone 233—Loulé.

## Automóvel

Por motivo de retirada, vende-se um automóvel VAUXHALL F G 24-35

Tratar com José Guerreiro Bexiga—Loulé.

## Câmara Municipal de Loulé EDITAL

**José João Ascensão Pablos, Vice-Presidente da Câmara Municipal de Loulé, no exercício da presidência:**

Faz saber que, para cumprimento das disposições contidas no Decreto n.º 35.106, de 6 de Novembro de 1945, se convidam todos os interessados a, no prazo de 15 dias, requererem a ocupação das casas que, no Bairro para alojamento de Famílias Pobres, venham a ser desocupadas.

Os requerimentos devem ser apresentados no prazo estabelecido e neles os requerentes deverão mencionar o nome, estado, idade, profissão e salário relativamente a cada uma das pessoas que constituem o agregado familiar e bem assim o grau de parentesco com o chefe de família, além de outras circunstâncias justificativas de habitação, fazendo-se a comprovação da situação económica por meio de inquérito a levar a efeito pelos institutos coordenadores de assistência.

E para constar se passou o presente e outros de igual teor que vão ter a usual publicidade.

Paços do Concelho de Loulé, 21 de Março de 1957.

O Vice-Presidente da Câmara, em exercício,

José João Ascensão Pablos

## Meditação

Desperta.

O Sol já nasceu

E com ele vem a Bênção do Senhor.

Abre a janela e recebe-A em teu peito!

Já é dia, meu amor!

Desperta.

Cantam já as filomelas

O seu Hino ao Criador.

Abre a janela, não demores,

Já é dia meu amor!

J. Fonseca

## INSTRUIR E EDUCAR

(Continuação da 1.ª página)

nesse tempo que os assuntos não fossem resolvidos a tempo e horas, e às vezes com muita inteligência. Por esse tempo havia poucos estudantes, mas havia muito quem lesse; hoje é o contrário.

Em boa verdade, as quatro classes dessa época pesavam mais que as de agora.

Se adregava o rapaz ir para o liceu, o que acontecia aí por volta dos doze ou treze anos, não carecia o neófito ir acompanhado de uma ama de leite nem de explicador, porquanto tinha a robustez física e mental para resistir aos contactos da rua e do corpo docente—novos contrastes da vida. Apesar do atraso na idade, a licenciatura não vinha retardada em relação à de hoje. Os professores desse tempo não eram todos maus como os de agora, no dizer dos alunos e paizinhos, num coro que faz pena, embora saibamos que muitos meninos tomam tudo a sério menos os mestres e as lições.

Com o tempo as coisas do ensino primário modificaram-se, modificaram-se os programas e modificou-se a orientação do ensino. Os programas foram aliviados e a orientação mudou de rumo em obediência a novas teses doutrinárias. Aí por volta de 1919 reconheceu-se que o ensino estava pobre, e então, num impulso de valorização, toca a elevá-lo, de o graduar em dois escalões, um primário geral com cinco classes, outro primário superior distribuído, salvo erro, por três anos. Triste fadário o deste último escalão, onde não só os programas foram vacilantes, senão ainda o cor-

po docente recrutado ao sabor do compadrio. Resultado: muitas das escolas criadas nem sequer chegaram a funcionar; outras, com professores deslocados de profissões alheias ao magistério, caíram na Torre de Babel—ninguém se entendia.

O escalão primário geral também não foi muito feliz; começou por perder a quinta classe, depois reduzido apenas à terceira para efeitos de obrigatoriedade. Como isto colidiu com os programas, estes foram alterados e desprovidos duma grande parte da matéria, sobretudo na terceira classe, não ficando sequer uma ponte de passagem entre esta classe e a quarta que, além de ameaçada de extinção, continuava com o programa antigo, completamente desarticulado da quinta classe, já então extinta e da terceira reduzida a pouco mais de metade. Por esta forma o escalão primário geral ficou em mangas de camisa com um programa de saber ler, escrever e contar e uma quarta classe facultativa e desarticulada. É neste estado que perdura, há cerca de vinte anos, o ensino primário que hoje se chama elementar, e que o Sr. Ministro da Educação está disposto a remodelar, para honra sua e benefício do País.

J. G. P.

## Transportes para a Estação

(Continuação da 1.ª página)

e da maior utilidade pública, para o Concelho.

Isto, este reconhecimento nosso pelo serviço que a EVA nos presta, representa uma obrigação de agradecimento, de gratidão, de apoio e louvor à organização que nos proporciona comodidades e interesses que, sem ela, não teríamos ou teríamos em condições mais deficientes. Mas o Concelho de Loulé, tem correspondido e generosamente ao que a EVA, por ele tem feito.

A sua enorme população desentranhando-se em múltiplas actividades fabris do género do artesanato tem contribuído para o desenvolvimento da EVA.

São as mulheres dos queijos, da obra de palha, de empreita, os homens dos paços, do peixe, das frutas e dos frutos—com dois dias semanais

de Bolsa, em Faro—são as meninas que, com as mães, vêm à loja, à cabeleireira, à sapataria, os sapateiros que vêm buscar sola e os demais artistas que vêm levantar os materiais para as suas diferentes artes e ofícios, os passageiros dessas boas carreiras.

Assim, talvez seja concreto dizer:

A EVA vive de Loulé e Loulé vive da EVA.

Ora, se os interesses são confluentes, o da EVA do Loulé e o de Loulé do da EVA, devem subestimar-se, compreender-se, desenvolver-se e aumentar-se.

Inicia-se hoje carreira de ligação rápida entre o Algarve e Lisboa.

Tal melhoramento representa para os Povos desta Província um melhoramento de alto interesse público que, como valorizante, do turismo regional e das actividades económicas, é inapreciável.

Loulé, para poder apreciar devidamente tal benefício carece de ligação directa da sede do concelho à estação onde passam essas automotoras.

E certamente a EVA, a quem os interesses e realizações de Loulé e do seu concelho têm merecido o melhor apoio, não deixará de compreender que é mais um serviço a prestar a Loulé, que é mais um elo de ligação amigo e conveniente a estabelecer entre interesses confluentes e comuns.

Sim, porque a própria EVA interessa não criar atritos, situações irredutíveis, mal-estar e má vontade.

E, até pode ser e isso seria o ideal, que a própria EVA numa ideia de generosa e providente iniciativa, tome a resolução de criar essas carreiras, antes que a C. P. ou a Câmara Municipal venham a reconhecer a necessidade de as darem de concessão, não só para as ligações às automotoras de Lisboa, mas a todas as outras que, diariamente, desviam de Loulé e do seu comércio, centenas de pessoas desde Boliqueime a S. João da Venda.

R. P.

## Sr. comerciante

UMA carta é a representação máxima dum negócio e o intermediário entre o fabricante e o comerciante. Graças aos progressos da imprensa em colaboração com a fotografia, o desenho e a zincogravura, conseguem-se hoje conjuntos harmoniosos e de surpreendente efeito.

A tipografia é o progresso de reprodução mais perfeito no vasto campo da publicidade.

Se V. Ex.ª quizer, pode elevar o bom nome da vossa casa dando «categoria» às cartas que escreve e aos impressos que utiliza, desde que mande executá-los na Gráfica Louletana—Loulé.

## CASA

Vende-se uma casa com 5 divisões e quintal, com chave na mão, na Rua Mousinho de Albuquerque, (junto à Rua da Piedade)

Tratar com Maria Felicidade da Conceição—Rua Mousinho de Albuquerque, 18—Loulé.

+

## Agradecimento

Isabel da Conceição Borges, vem por este meio, muito penhorada, agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhar à sua última morada seu chorado marido, Manuel Joaquim Borges, e bem assim, a todas aquelas que por qualquer meio se interessaram pelo seu estado de saúde, quando da doença que o vitimou e ainda às que lhe exprimiram os seus sentimentos de pesar.

A todas a sua indelével gratidão

## "NUFFIELD-UNIVERSAL"

O mais moderno e completo TRACTOR DE RODAS

Características principais:

Tractor «NUFFIELD-UNIVERSAL» modelo «DM-4»

Motor «BMC» Diesel tipo «OEA/2», de 45 HP, 4 cilindros, desenvolvendo 43 HP no tambor de acionamento e 41 HP na barra de tracção. Caixa de 6 velocidades: 5 para a frente e 1 para a rectaguarda. Travão de mão para estacionamento. Travões de pé independentes. Arranque e instalação eléctrica (máximos, médios e mínimos) incluindo farol de lavura e buzina. Pneus: 7.50 x 18 com 6 telas à frente e 14 x 30 com 6 telas à rectaguarda. Eixo das rodas da frente ajustável. Rodas de trás ajustáveis. Tambor de acionamento montado à esquerda, com embraiagem e conversão para a correia trabalhar para a rectaguarda.

Sistema hidráulico de 3 pontos de apoio para alfaia e básculas montadas. Cortina de radiador e termómetro. Barra de tracção ajustável. Conta horas. Tomada de força. Ferramentas e caixa para as mesmas. Almofada. Passo exterior montado à frente. Manivela. Espelho retrovisor e reflectores. Peso do tractor 3.080 quilos. Passo bruto rebocável autorizado 5.625 quilos.

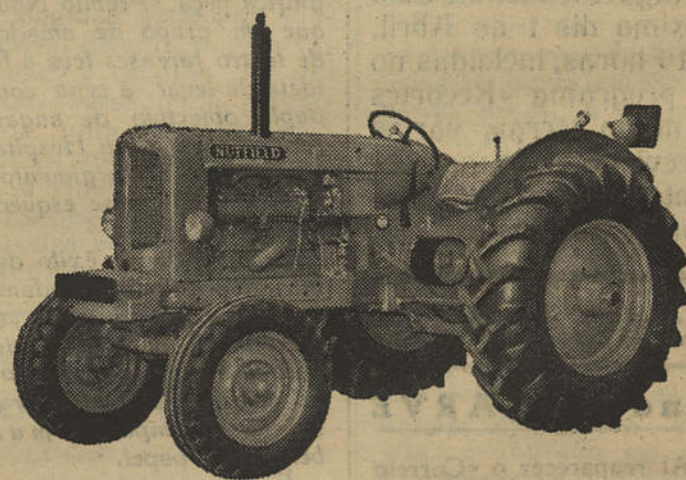
Distribuidores exclusivos:

**H. VAULTIER & C.ª**

Telefone 239

9 Rua Conselheiro Bivar, 9-A

F A R O





«A Voz de Loulé» — Loulé  
N.º 111 — 31-3-1957

## Tribunal Judicial Comarca de Loulé ANÚNCIO

(2.ª publicação)

Pelo Juízo de Direito da Comarca de Loulé, 2.ª secção, correm éditos de 30 dias, contados da segunda última publicação deste anúncio, citando o seu António Jorge, casado, jornalista, ausente em parte incerta da Argentina, cuja última residência conhecida no sítio da Pereira, freguesia de Boliqueime, desta comarca, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos, contestar a acção sumária que contra ele e sua mulher Beatriz Neves movem os autores António da Costa Teixeira e mulher, Maria das Dores Guerreiro. Estes pedem na referida acção que os reus sejam condenados a reconhecer o direito de propriedade perfeita dos autores sobre o prédio delimitado pela forma indicada nos artigos terceiro e sétimo da petição inicial; a cessarem e se absterem de quaisquer actos sobre terreno que, segundo tais linhas divisórias quer do norte quer do sul separem o prédio dos autores dos reus, pertença aos suplicantes; a reconstruírem ou que à sua custa se faça, se no prazo assinalado não cuidarem, o muro que a ré destruiu, conforme se alega no artigo sexto, repondo-o no estado em que se encontrava; a pagarem custas, selos e procuradoria condigna.

Loulé, 13 de Março de 1957.

O Chefe da 2.ª Secção  
António Ilídio Assis da Veiga  
Verifiquei:

O Juiz de Direito,  
a) Marino Barbosa Vicente  
Júnior

## PROPRIEDADES VENDEM-SE

2 propriedades no sítio da Varzea da Ponte da Tor, sendo 1 com terra de semear e regadio e 1 morada de casas e outra com terra de semear e figueiras

1 courela denominada «Curral da Pedra» junto à Ribeira da Tôr com alfarroceiras e oliveiras.

1 courela de barrocal com alfarroceiras, no sítio da Cruz da Assumada

Tratar com Manuel Dourado Martins Sousa Easébio — Salir

## Associação de Assistência À MENDICIDADE

CONFORME prometemos e é nosso dever, a seguir damos um resumo das contas da nossa gerência do ano findo, cujos documentos estão à disposição dos nossos associados para devido exame e conferência, devendo depois serem enviados à aprovação das entidades competentes:

RECEITA	
Saldo do ano anterior.	7.516\$70
Cobrança de cotas.	56.289\$00
Subsídio da C. M. de Assistência	1.000\$00
Idem do I. A. Família.	11.999\$00
Idem do Governo Civil do Distrito	12.000\$00
Idem da Câmara Municipal	12.000\$00
Idem do Socorro de Inverno.	500\$00
Donativos de particulares	1.805\$50
Donativo destinado ao Refeit. a construir	50.000\$00
	153.110\$20
DESPESA	
Compra de artigos destinados às refeições.	89.124\$80
Despesas de higiene e limpeza	1.965\$00
Encargos de instalação	189\$50
Despesas de selos, impressos de cotas e expediente	230\$00
Gratific. ao cozinheiro.	3.600\$00
Comissão ao cobrador.	4.409\$60
	99.518\$90

Saldo para o ano seguinte:	
Dep. na C. G. D. C. P. com destino no Refeitório	50.000\$00
Em cofre	3.591\$30
	153.110\$20

Além destas verbas, temos a acrescentar à receita, numerosas ofertas em artigos de vestuário, e calçado, arroz, pão, azeite, toucinho, grãos, fígos torrados, laranjas e ainda gali-

## VENDE-SE

Uma propriedade, em Quarteira, denominada Al-margem Grande, freguesia de Albufeira, limitada ao norte com o Morgado de Quarteira, ao sul com a Ribeira de Quarteira, a Nascente com Manuel da Ponte e ao Poente com os Herdeiros de Sebastião P. Faisca Teixeira.

Dirigir a A. F. Teixeira — Rua Reitor Teixeira Guedes, 47 — Faro.

nhas para melhoria das refeições nos dias de Ano Bom, Reis, Pascoa e Natal, etc., no valor de mais de Esc 2.000\$00.

Com estas valiosas contribuições e ajudas tem-se conseguido uma grande êxito sob o ponto de vista social e caritativo. Sob o ponto de vista social, porque conseguimos eliminar a indústria da pedrinha, que outra coisa não era, para muitos dos mendigos, senão uma indústria melhor ou pior organizada, para se dedicar à vadiagem e a nada fazer, porque o trabalho é sempre penoso e aborrecido. Sobre o ponto de vista caritativo, porque se tem conseguido alimentar e vestir alguns indigentes verdadeiramente necessitados, alquebrados pelo trabalho, pela doença ou pela velhice, que merecem o generoso auxílio de todas as pessoas de bem.

Deve prosseguir-se na senda encaçada, a fim de que se não volte ao tão triste espectáculo que outrora se observava, para o que se conta com a ajuda tão dedicadamente prestada pelas entidades oficiais, a contribuição impressionante dos louletanos naturais e residentes e a colaboração desvanecedora de muitos outros, residentes fora da localidade, que olham com assinalado carinho a prossecução desta admirável obra.

A Comissão

## João Caetano de Sousa Leal, Limitada LOULÉ

Trespasa-se a secção de retalho desta firma

Por motivo de falecimento de um dos sócios e por outro não poder estar à frente das Secções de Retalhos e Atacado.

Casa com mais de 50 anos de existência e bem localizada. Dão-se facilidades de pagamento.

Tratar com Viúva de João Caetano de Sousa Leal ou António de Sousa Leal.

## Empregado

Para armazem de mercadorias, com carta de ligeiros, precisa-se.

Nesta redacção se informa.

## Transportes de Carga Louletana, L.<sup>da</sup>



Largo Tenente Cabecadas — Telef. 30 e 17

LOULÉ

Rua de S. Mamede, 24 D. (ao Caldas)

Telefone 22437

Participamos aos nossos estimados clientes que a partir de 1 de Abril terão início os serviços da nossa Agência em Olhão, situada na Avenida 5 de Outubro, 22-A — Telefone 193.

## Monumento ao Dr. Bernardo Lopes

(Continuação da 1.ª página)

tudo horas seguidas para estar sempre a par dos avanços da ciência, que queria sempre acompanhar.

Como colega dispensava a todos os clínicos as deferências e atenções merecidas, que sempre timbraram por ser lhanas e afáveis.

Como cidadão e como chefe de família teve sempre a merecido consideração de todos os seus conterrâneos e familiares.

Não há por isso um único louletano que não deseje contribuir para essa ara votiva da sua dedicação e respeito por tão benemérita personalidade.

De todos os pontos chegam contribuições — da localidade, das freguesias do concelho, de vários pontos do País, da capital, das províncias ultramarinas e do estrangeiro, sendo muito o trabalho da Comissão para receber e ordenar tantas verbas.

Passada que foi a época da Batalha de Flores, que fez entrar um pouco a actividade da Comissão, por serem quase comuns os seus elementos, retomam agora o pleno afã e inicia todos os trabalhos necessários ao bom êxito da missão a que se impoz.

Vai ser activada a colheita das importâncias subscritas, organizam-se empreendimentos para produzir receita, e que ao mesmo tempo podem recrear o espírito e deliciar a sensibilidade artística da cada qual, pensa-se em escolher o local apropriado e digno para a erecção do monumento, e tudo isso será tratado publicamente e abertamente de modo a interessar a população em tão magno problema, como é justo.

Damos a seguir nota de mais contribuições que vamos recebendo:

Transporte	25.064\$50
Carlos Gregório Dias — Jamaica, 4 N. Y.	285\$00
Francisco Gonçalves Contreiras — Alcanil	50\$00
José Lopes Rodrigues — Loulé	50\$00
José Sebastião Teixeira — Benafim Grande	50\$00
Sebastião Caetano — Pena (Salir)	20\$00
António da Luz Cabrita — Loulé	20\$00
Manuel Fernandes — Paris (França)	20\$00
José Maria Mendes — Loulé	20\$00
Inácia dos Santos Dias — Loulé	1\$00
Maria da Piedade Reis — Loulé	1\$50
Henrique Martins Mestre — Goncinha	1\$00
Maria José Mendes — Goncinha	1\$50
Lucinda Cristina — Goncinha	1\$50
Manuel José Farias — Fonte de Apra	2\$50
Maria da Conceição Mendes — Goncinha	5\$00
Manuel Gonçalves Salgado — Loulé	50\$00
D. Ermelinda Dias Esteves — Loulé	5\$00
Anónimo — Loulé	2\$50
D. Antónia Provisório — Quinta do Freixo	500\$00
Joaquim Viegas Cascallheira — Vale de Eguas	100\$00
José Pedro Algarvio — Loulé	100\$00
Dr. Nunes Guerreiro — Lisboa	50\$00
A Transportar	26.401\$00

## VENDE-SE

Um armazem e uma morada de casas, na Avenida Marçal Pacheco.

Tratar com Viúva de João Caetano de Sousa Leal — LOULÉ

## Emigração clandestina

Com pedido de publicação, recebemos da Junta de Emigração o comunicado que a seguir publicamos:

Foram ultimamente detidos na fronteira francesa mais portugueses que pretendiam emigrar clandestinamente para França.

O Tribunal de Bayonne pronunciou uma medida de expulsão contra aqueles portugueses encarcerados, os quais foram reconduzidos à fronteira portuguesa.

Mais vítimas, portanto, de falsas informações de agentes de emigração clandestina que as exploram e contra os quais a Polícia Internacional e de Defesa do Estado está exercendo a sua acção.

A Junta da Emigração, mais uma vez, sente a necessidade de informar que não é posto obstáculo à pretensão de emigrar para França ou outro qualquer país, desde que os interessados satisfaçam as condições legais.

E não só não tem posto obstáculos, como até, sobretudo em relação à França, tem esta Junta recrutado, através das Câmaras Municipais, trabalhadores portugueses requeridos por empresas francesas idóneas por intermédio do «Office National d'Immigration».

Assim, em relação aos dois primeiros meses deste ano já emigraram legalmente para França 381 portugueses, que partiram com todas as garantias de emprego, de protecção por parte das autoridades francesas e livres para visitarem ou regressarem ao País quando entenderem.

Os seus processos só demoraram na Junta o tempo mínimo indispensável para satisfazerem as formalidades necessárias.

Li-boia, 19 de Março de 1957.

O Presidente,  
a) António Manuel Baptista

## MENORES em idade escolar

Por despacho do Sr. Ministro das Corporações e Previdência Social, datado do mês de Janeiro último, foi determinado que as Casas do Povo, as Casas dos Pescadores e os Grêmios da Lavoura, bem como quaisquer outros organismos corporativos participem à Inspecção do Trabalho para esta, nos termos da lei, levantar os competentes autos de notícia, das infracções de que tenham conhecimento ao disposto no artigo 35.º do Decreto n.º 38.969, de 27 de Outubro de 1952, que prevê a aplicação de penalidades a quem, durante o funcionamento das aulas, empregar menores de idade escolar.

## Aos Senhores

Livros de recibos para rendas de casas, vendem-se na Gráfica Louletana

## Pelo Hospital da Misericórdia

(Continuação da 1.ª página)

de anestesia, respirador eléctrico, mesa ortopédica e Rais X portátil.

Serviço de radiologia — Este serviço registou um movimento de 556 radiografias.

Para esta extraordinária actividade tem contribuído o dinamismo do seu ilustre director e a colaboração do corpo clínico, o que tem suscitado o auxílio oficial e particular.

Assim, a Câmara Municipal, que pagava, pelos doentes pobres, a diária de 6\$00, passou, desde 1 de Janeiro, a contribuir com 15\$00 por doente e, com vista a melhorar o equipamento hospitalar, um grupo de louletanos entregou ao director clínico a importância de 70 contos e um irmão, nos últimos meses, tem contribuído mensalmente com 1.000\$00, destinados à compra de material cirúrgico.

Diante destes números, Loulé, que se orgulhava de possuir um bom hospital pode sentir-se satisfeita com a eficiência dos seus serviços de que, manifestamente, mais do que ninguém beneficiam as classes pobres.

E' agradável registar este facto e felicitamos a Mesa e o Dr. Manuel Cabeçadas, principal, para não dizer exclusivo, obreiro desta colossal obra de verdadeira e intensa renovação.

Confirma-se o que dissemos há seis meses: Loulé, na hora oportuna, teve a rara felicidade de encontrar quem precisava.

## Transcrições

(Continuação da 1.ª página)

que 50 por cento dos rapazes não sabiam que a França é dirigida por um Presidente da República; 20 por cento julgavam que é dirigida pelo Chefe do Governo; 15 por cento nem souberam dizer capzmente quem é o Presidente da República; apenas 15 por cento sabiam o nome do Presidente do Conselho; 97 por cento nem sabiam os nomes dos deputados do seu departamento; 85 por cento não sabiam o que é um senador. A maior parte deles fugia da dificuldade, dizendo: — «Eu não me ocupo de política». Em compensação 97 por cento sabiam muito bem o nome do vencedor da Volta à França.

Isto é manifestamente um mal. O desinteresse total pela política deixa o lugar aos mais audaciosos, que são quase os únicos a preocuparem-se com a política: os comunistas. A natureza abomina o vácuo e, se os patriotas o criam, os antipatriotas o preenchem».

e o último prego pregado. E mais nada. E por todo este trabalho não ofereceu uma só gavela do dízimo ou uma pequena medida do imposto de terreno; nada, nem uma galinha do fôro pelo entrudo, ou mesmo um simples ovo, dos muitos que recebia pela mesma época; misericórdia, era coisa que não conhecia, e quanto às necessidades do seu povo, abstraía delas.

Divertia-se à maneira pagã, com pancadaria e ralhos, e quando algum, cheio de cansaço, se movia mais devagar ou mesmo tentava descansar, lá estava o guarda do ergástulo atrás dele, com o chicote a silvar, e nem a velhice nem a fraqueza eram poupadas. Quando os bárbaros cavaleiros estavam no castelo, tinham um grande prazer em ouvir o estalar do chicote sobre o corpo dos pobres súbditos; e, além disso, ainda tinham outros requintes de barbaridade: duplicavam o trabalho àquela gente quando lhes apetecia, enchendo-os de suor e de medo.

Acabou-se por fim aquele monumento regado a lágrimas e suores, com paredes de cinco covados de espessura. Porque é que ele ali o tinha mandado fazer, é que ninguém sabia; mas os homens do trabalho regosijaram-se por terem batido o último prego e assente a última telha.

Limparam o suor da testa, olharam com os corações turvados para as suas territas e viram, soltando suspiros, quão longe a malvada construção os tinha feito recuar. Mas ainda havia um longo verão à frente deles e Deus acima de tudo; cobraram ânimo e recomçaram novamente a tarefa, o arado saiu e a mulher e os filhos que sofriam fome áspira foram com soldados, apesar de lhes parecer que o trabalho a realizar era como uma nova pena.

Mas ainda mal tinham pegado na charrua, logo chegou a notícia de que todos aqueles servos de gleba se teriam de reunir no castelo de Sumiswald, numa noite, a certa hora. Recearam e esperaram. Realmente, não tinham gozado nada de bom dos actuais senhores do castelo, mas apenas maldade e rudeza, e na sua inocência parecia-lhes crível que os cavaleiros lhes fi-

Folhetim de «A VOZ DE LOULÉ»

Número 10

JEREMIAS GOTTHELF

## A aranha negra

(ROMANCE)

Traduzido do alemão por E. Rocha Gomes

zessem alguma coisa em paga de tanta servidão e, porque assim lhes parecia, muitos pensaram que os senhores estavam na mesma disposição e lhes dariam na mesma noite um presente qualquer, ou talvez o perdão dum castigo.

E com o coração a bater, reuniram-se na noite designada no pátio do castelo, onde esperaram muito tempo, debaixo das chufas dos criados debochados pelos exemplos recebidos nas terras heréticas e na própria casa. Desde sempre houve criados assim, e mesmo agora ainda aparecem destes vilões, que à sombra dum senhor se julgam com direito a espezinhar e a desprezar os laboriosos e bisonhos camponeses: em frente deles abriu-se o pesado portão; dentro, sentavam-se em volta duma sólida mesa de carvalho, os cavaleiros entrajados de cinzento escuro, com molossos bravios a seus pés, e à cabeceira o von Stoffeln, homem arrogante e membrudo, com um cabeçorra como um alqueire, na face barbaçada, como que envolta numa juba de leão velho, abriam-se uns olhos como rodas de charrua.

Foi o cabo dos trabalhos, para que aquela gente entrasse; nenhum queria ser o primeiro e cada um empurrava o outro; os cavaleiros riam-se perdidamente sobre os picheis a espumar de vinho, e os cães furiosos avançaram aos saltos; é que, quando estes veem membros tremantes e hesitantes, julgam que esses membros pertencem a uma feroz peça de caça. Aqueles miseráveis não se sentiam nada bem, era como se estivessem ou-

tra vez para iniciar a construção de outro castelo, ou alguém os estivesse a entalar uns contra os outros.

Entrementes, os cães e os cavaleiros ficaram silenciosos e o von Stoffeln ergueu a sua voz, que retumbou, como se saísse de dentro dum carvalho de cem anos: «O meu castelo está pronto, mas ainda falta uma coisa; vem aí o sol e eu desejo um caminho com sombra até cá acima. Fica entendido que no prazo de um mês me tem de ensombrear a entrada com cem faias adultas, que irão arrancar a Múnneberg, tudo com ramos e raízes para plantarem em Bärhegen, e basta que falte uma faia para expiades com bens e sangue tal falta. Lá em baixo há que comer e beber, mas amanhã tem que estar em Barhegen a primeira faia».

Aquelas palavras, «comer e beber», ainda deixaram uma réstea de esperanças aos pobres grilhetas; julgou-se que o fidalgo endurecido estava liberal e bem disposto, e vá de começar a falar-se nas necessidades urgentes da família, na fome da mulher e dos filhos; insinuou-se mesmo que era no inverno a melhor época para a plantação, e agora a estação própria para as sementeiras de cada um.

Então a cólera começou a ferver cada vez mais no coração do feroz dominador, a sua voz soltou-se como um trovão de dentro duma garganta apertada e clamou: «Muito bondoso sou eu, e até de mais! Se soubesse que há na Polónia um homem digno disso, quem lhe beijava os pés era eu. Quanto a vós, sois exigentes e arrogantes! Aqui, tendes filho e novilho, pavimento e compartimento, e ainda não estais satisfeitos. Mas eu vos farei mansos e humildes, tão certo como eu ser João von Stoffeln; e, se no prazo de um mês, as cem faias não estiverem cá em cima, mandarei chicotear-vos, até que não fique de vós o comprimento de um dedo, e as mulheres e crianças atirá-las-ei aos cães!»

Nem um só ousou abrir a boca, e também a nenhum apeteceu a bebida ou a comida. Foram-se empurrando, após ter



## NÃO ESQUEÇA

às 2 horas do dia 7

Por determinação oficial

No próximo dia 7 de Abril os relógios serão adiantados 1 hora, entrando-se na Hora de Verão

## Notícias Pessoais

### Aniversários

Fazem anos em Abril:

Em 1, os srs. Arquitecto Eurico Pinto Lopes, residente em Lisboa e Octávio Rodrigues Conreiras, o menino Francisco Manuel da Ponte Gonçalves Madeira, residente em Vila Real de Santo António e a menina Maria da Silva Guerreiro.

Em 3, os srs. José Guerreiro Farrajota Cavaco, Francisco José Ramos e Barros Júnior e Eng. Alexandre Guerreiro Correia Frade, residente no Porto.

Em 4, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Iolanda Pinheiro Pinto.

Em 7, a menina Marinete de Brito Andrade.

Em 8, o sr. João Manuel da Conceição Domingues.

### Falecimentos

— Com a idade de 68 anos, faleceu em sua casa de residência, no sítio da Goncinha, no pretérito dia 25, o sr. António Nunes Pedro, que deixava viúva a sr.<sup>a</sup> D. Maria Baptista Nunes e era pai das sr.<sup>as</sup> D. Maria Baptista Nunes Correia, D. Barbara Baptista Nunes Correia, D. Julia Baptista Nunes e D. Angelina Baptista Nunes e dos srs. António Baptista Nunes, nosso prezado assinante em Lisboa e Eduardo Baptista Nunes, também residente em Lisboa; era sogro da sr.<sup>a</sup> D. Idalina Pereira Nunes e dos srs. Manuel Bartolomeu da Piedade, residente nos E. U. A.; Manuel da Silva Vaz, nosso prezado assinante em Lisboa e Manuel Martins Semão, residente em Moçambique.

— No pretérito dia 24 do corrente, faleceu em sua residência, na Avenida José da Costa Mealha, a sr.<sup>a</sup> D. Ernestina Albino das Dores Evangelista, de 67 anos de idade, viúva de Francisco de Assis da Franca Leal e funcionária dos Correios, aposentada, natural da freguesia de S. Pedro, concelho de Faro.

A extinta, que durante 36 anos chefiou o Posto dos C. T. T. de Loulé, era bastante estimada na nossa vila, tendo o seu funeral constituído uma sentida manifestação de pesar, a que «A Voz de Loulé» se associa.

A's famílias enlutadas endereçamos os nossos sentidos pezares.

## Actividades da Casa do Algarve

A Direcção da «Casa do Algarve» deliberou, na última reunião:

— Incumbir as suas Comissões Cultural e de Turismo e Propaganda do estudo dos elementos com que o Algarve poderá fazer-se representar no «Museu de Huila», recentemente criado em Sá da Bandeira (Angola), pelo Sr. Ministro do Ultramar, tendo em especial consideração o facto de se tratar da província metropolitana que maior número de descendentes conta em todo o vasto Sul de Angola;

— Registrar o mais vivo agrado pelo apoio do Sr. Presidente da Camara Municipal de Faro, Dr. Luis Gordinho Moreira, à ideia da construção de um Jardim-Escola João de Deus, naquela cidade, e pela oferta do terreno que para o mesmo estabelecimento é feita pelo benemérito farense e presidente honorário da Comissão de Beneficência da «Casa do Algarve», Sr. Coronel M. Aboim Ascensão de Sande Lemos, à Associação de Jardins-Escolas João de Deus;

— Tomar conhecimento da criação no Porto, de uma Comissão «Pró-Algarve», para tratar, naquela capital, de todos os assuntos que se relacionem com os interesses da Província e dos algarvios ali residentes, oferecendo-lhe todo o apoio e os mais sinceros propósitos de mútua colaboração;

— Felicitar os Srs. Generais António Epifânio Antunes Cabrita e Leonel Aleluia da Costa Lopes, pela sua promoção ao dito posto, e o distinto escultor, sr. Rogério Paletti Berger, secretário da Comissão Cultural da colectividade, pelo seu agradecimento

## TORNEIO POPULAR

DE

## FUTEBOL

COM início no dia 7 de Abril, realizar-se-á este ano na nossa vila um «Torneio Popular de Futebol» com a participação das seguintes equipas:

Futebol Club Almancilense, Barreiras Brancas Futebol Clube, Juventude Sporting Campinense, Clube de Futebol Ponto Azul, Sporting Club «Os Leões» de S. Sebastião e Grupo Desportivo «Os Unidos».

O Torneio será disputado em duas jornadas, realizando-se dois desafios cada domingo.

Serão atribuídas 3 valiosas taças às equipas melhor classificadas e ainda outras 3 taças «de consolação» às restantes.

Pela numerosa assistência que compareceu à reunião preparatória deste Torneio, prevê-se grande interesse pelos desafios a efectuar.

## Genete Frederico Guilherme Oliveira Mendes Abobora

Este distinto oficial da G. N. R. que em missão de serviço frequentes vezes viamos em Loulé, teve a gentileza de nos apresentar cumprimentos de despedida, pois foi colocado como comandante da Secção da G. N. R. aquartelada em Niza.

Os nossos cumprimentos e desejos de felicidades no desempenho do seu novo cargo.

## Ajudante de guarda-livros

Com larga prática de escrituração, oferece-se. Nesta redacção se informa.



## Automóveis

e todos os veículos motorizados. Para compra ou venda tratar com Basilio do Nascimento.

Rua da Barbacã, 24 — Loulé.

com o oficialato da Ordem da Instrução Pública:

— Aprovar a publicação, proposta pela Comissão Cultural, do 4.º volume da colecção «Estudos Algarvios», da autoria do Sr. A. Xavier da Fonseca, sob o título «A defesa da economia agrícola algarvia» e com considerações preliminares e finais do economista Sr. Dr. A. de Sousa Pontes.

## Gratidão

Joaquim Francisco Grosso, residente na Picota (Gilvrazino) não podendo esconder a sua satisfação pelo exito com que decorreu a operação a que se submeteu no Hospital de Loulé, vem por este meio tornar pública a sua gratidão ao distinto operador Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Manuel Cabegadas, pelo zelo, competência e dedicação com que o operou no Hospital desta vila, possibilitando o seu completo restabelecimento.

Torna extensivo o seu agradecimento aos médicos assistentes Ex.<sup>mos</sup> Srs. Drs. Angelo Delgado e Teodoro de Sousa Pedro, pela prontidão e carinho, com que o trataram, visitando-o assiduamente e providenciando tudo o que foi julgado necessário para atenuar o seu sofrimento.

Igualmente agradece aos enfermeiros sr.<sup>a</sup> D. Elisabette Esteves e sr. Maltesinho, pela dedicação e cuidados com que o trataram durante a sua permanência no Hospital, assim como ao restante pessoal de enfermagem.

Para todos vão pois os protestos da sua maior gratidão.



# Santuário de Nossa Senhora da Piedade

(Continuação da 1.ª página)

da matéria nele contida, viemos por esta, na qualidade de membro do júri e de arquitecto, interessado nos problemas da Arte Religiosa, prestar um esclarecimento público, pedindo à bondade de V. Ex. a cedência de algum espaço do jornal que dirige, para o efeito.

Começa o artigo em questão por dizer, ao anunciar a constituição do júri, que os arquitectos Nuno Teodoro Pereira e José Maya Santos estavam em representação do Movimento de Renovação da Arte Religiosa.

Não é isto exacto visto que os dois citados arquitectos foram convidados pessoalmente por Sua Ex.<sup>a</sup> o Senhor Bispo do Algarve somente como arquitectos e, dentro do que estipulava o regulamento do concurso, como «membros escolhidos por ele». Trata-se neste caso, portanto, de um equívoco, resultante talvez da circunstância de os dois arquitectos pertencerem de facto ao dito Movimento.

Ao tocar na finalidade da obra de arte, aliás como opinião pessoal—mas por sair à publicidade com responsabilidades maiores—cria o artigo um estado de confusão a quem lê: «Vê-se que, com esta obra se dá o mesmo que com o monumento ao Infante de Sagres a preocupação do absolutamente inédito, do absolutamente pessoal, do absolutamente novo, do absolutamente contra o comum, que é revolucionário». De certa maneira e por todos os séculos a obra de arte, obra do espírito do homem, criação, foi sempre revolucionária. Nem de outro modo se poderia conceber uma obra de arquitectura, de escultura ou de pintura.

O que não é absolutamente inédito na sua concepção, é corriqueiro, é repetido, é, de certo modo, mediocre. Toda a obra de arte exige o inédito, que não é o inusitado. É um inédito que da tradição aproveita o exemplo de actualidade, na sua época, das obras do passado, e que está de acordo com a cultura do tempo, de que, aliás, a obra de arte é expressão.

«Novo, moderno, há-de ser coisa viva e vital, linguagem sincera como a própria voz, dom humilde e generoso do artista, na obra realizada. Arte que se não renova é arte morta.» (Cardeal Patriarca, pastoral 1955) Não serão inéditas as pirâmides do Vale de Gizé, o Partenon de Atenas, as catedrais românicas e góticas ou a Torre Eiffel?

O que não é absolutamente pessoal, é impessoal. É característico e irreconhecível, não é fruto de um espírito criador. O artista se tem génio, é semelhante ao Criador: tira-a (obra de arte) do nada, dá-lhe o nome, imprime-lhe a linguagem adequada, fá-la viver por si. (Card. Patriarca, idem) Serão impessoais os Lusíadas, as Pietas de Miguel Angelo ou as arcadas de S. Pedro de Bernini?

O que não é absolutamente novo é velho. Não se pode fazer obra de arte já usada. As que foram feitas anteriormente, foram-nas uma vez. A obra de arte nova não as ressuscita; olhas-as, venera-as, estuda-as, mas não as copia, porque se o fizesse traílas-as. Já não era criação. «Novidade autêntica é originalidade profunda, criação sincera, harmonia viva. O artista verdadeiro nunca faz obra igual, mesmo quando faz a mesma.» (Card. Patriarca, idem) Não serão absolutamente novas as sinfonias de Beethoven e as de Haendel, os quadros religiosos de El Greco e os de Goya, a arquitectura civil de Alberti e a de Palladio? O que não é absolutamente contra o comum, é a favor dele. A obra de arte é obra de excepção, não pode ser fruto de uma rotina, como coisa que todos os dias se faz. Não há mesmo obras de arte comuns. Não serão completamente contra o comum os Jerónimos ou Alcobaga, as Sés de Évora ou de Silves, Nuno Gonçalves ou Frei Carlos?

Não houve nem poderia haver em todas as obras de arte citadas, ou em muitas outras sobejamente conhecidas, «um mínimo de transigência com o gosto comum», como propõe o artigo. Aliás não há gosto comum, nem a arte se equaciona em dois caminhos, ou dilema: ou «falar às almas» ou «fazer arte pela arte», como faz deprender o artigo. A obra de arte, falando a linguagem do seu tempo, será ou não acessível pelo tema escolhido, mas nunca se baseará num compromisso, deliberadamente tomado e anterior à concepção, com um problemático gosto comum. Não quereria aqui o autor do artigo significar antes: um mínimo de inteligibilidade, em vez de transigência com o gosto comum? Ou como diz S.<sup>a</sup> Em.<sup>a</sup> o Cardeal Patriarca: «Coerência—Coerência com a comunidade de féis, sim. Mas coerência sem quebra da virgindade da arte, para a realização do próprio fim.»

Absolutamente de acordo, nem de outro modo poderia ser, com que «um santuário tem de nos dar ambiente de oração e elevação da alma que se praticam da mesma forma e com o mesmo estado de espírito que há vin-

te séculos e que daqui a outros tantos», como diz o artigo. Mas o que tem de se vincar aqui com nitidez é que o Mosteiro da Batalha é a antítese construtiva e especial da Sé de Lisboa, por exemplo. E nos dois casos temos de certeza ambiente para orar e sentir elevação da alma. Não foi preciso copiar o românico ou mesmo estilizá-lo, como hoje se pretende, para glorificar a Nossa Senhora nos campos da batalha de Aljubarrota. Parece até que o Mosteiro da Batalha é belo e digno por ser uma obra pura, feita com os recursos e processos da sua época, com as características arquitectónicas actuais, no seu tempo, em estilo gótico, chamemo-lhe assim.

Diz-se também no artigo que «o modernismo em arte religiosa há-de limitar-se ao acidental e respeitar o essencial». Se há modernismo, isto é, preocupação de fazer moderno adoptando modas fugazes e fazendo exercícios de arquitectura (pensamos ser este o significado da palavra tão em voga modernismo), ele nunca poderá ser legítimo na arte religiosa, nem sequer no acidental. Estamos perante a Casa de D. us, não diante de pavilhão de exposições caducas.

Se há modernidade, actualidade se se quiser, ela é legítima, mais, é condição da própria arte religiosa... mas abramos todas as portas e reservemos o acolhimento mais sincero a todo o desenvolvimento justo e progressivo das boas e veneráveis tradições que, durante tantos séculos de vida cristã, numa tal diversidade de ambientes e condições sociais e técnicas, deram tantas provas da sua capacidade inextinguível de inspirar formas novas e belas, sempre que foram interrogadas ou estudadas e cultivadas à dupla luz do génio e da fé. (S. S. Pio XI, 27/Out./1932).

Não foi, portanto, com esse entendimento a presidir aos seus trabalhos, como o autor do artigo aponta, que o júri decidiu não atribuir o primeiro prémio, o que aliás ressalta da própria acta já tornada pública. Não foi por serem modernos que os trabalhos não tiveram a compensação máxima, mas sim porque apesar de serem modernos não tinham qualidades suficientes para serem anuladas as graves deficiências neles contidas.

Achámos imprescindível este esclarecimento, quando se tenta fazer, a partir de uma opinião pessoal, doutrina em matéria grave e principalmente quando se atribuem declarações ou propósitos ao júri, por palpite, com todas as consequências de confusão na opinião pública, como é o caso de um artigo em jornal. O facto ainda é mais agravado pelo remate que o artigo encontrou ao dizer: «... e esperamos que os concorrentes, já melhor elucidados pelos resultados deste, procurem satisfazer convenientemente as exigências da Arte Religiosa». Isto poderá levar a crer que o concurso funcionou como um aviso, para se conseguir determinado estilo ou orientação nos trabalhos a apresentar, principalmente quando atrás se fazia crer que tudo o que era novo, pouco comum, pessoal e inédito era desaconselhável. Repetimos: poder-se-ia ser uma posição pessoal — respeitável, mas não a posição do júri. Agradecendo antecipadamente a publicação desta, subscrevemo-nos respeitosamente e com muita consideração.

José A. Maya Santos

## Desastre de viação

(Continuação da 1.ª página)

familiar que haviam gosado e pensavam no doce regresso ao seu tranquilo lar.

A alturas do Vale Maria Dias, em plena serra do Caldeirão, entre a Cortelha e Vale da Rosa, numa curva da estrada, surge-lhes como um monstro apocalíptico, a figura de um camion carregado de madeira, de uma conhecida firma de Monsanto-Alcanena, que do Porto conduzia esse carregamento para Faro. E, quando menos se espera, quando a vida decorre com a maior placidez e satisfação, o trágico Destino ceifa impiedosamente duas vidas e lança para a prisão um motorista, que, possivelmente, succumbiu a um ataque de sono e fica com a sua vida profissional desfeita.

Se realmente foi sono e esse sono consequência de forçada vigília no trabalho, quere-nos parecer que há três vítimas a lamentar. Se foi imprudência, ela ficará bem castigada, além

(Continuação da 1.ª página)

e ainda por na família ter dois jornalistas. Creio que nos está na massa do sangue. Eis porque peço, Sr. Director, toda a boa vontade e sincera colaboração de V. Ex.<sup>a</sup> para este caso.

Não conheço os trabalhos dos restantes concorrentes mas como fiquei à cabeça da classificação, venho justificar o meu trabalho, pois julgo que a ele se referem algumas linhas desse artigo.

Quanto ao júri, estranhámos que a sua apreciação tivesse saído fora das condições do concurso que, para nós os correntes, eram as únicas que constituem base legal sob a qual deveriam ser apreciados os trabalhos. Não quere-mos no entanto discutir este assunto, uma vez que os nomes que constituíram esse júri merecem toda a consideração.

No trabalho que apresentei de colaboração com o Eng.<sup>o</sup> Mário Rodrigues procurámos tanto quanto nos foi possível e dentro das nossas modestas possibilidades, que o Santuário a erigir correspondesse ao fim a que se destinava.

Não é esse edifício só uma Igreja e como tal, a única depositária da Verdade Eterna, é também um Santuário onde o principal foco é a veneranda Imagem de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Piedade e onde o povo tem a parte mais importante na participação da sua devoção. O problema é portanto bastante mais complexo.

A solução que apresentámos, julgo que V. Ex.<sup>a</sup> teria tido ocasião de a apreciar no Paço Episcopal, é de planta circular com uma imensa abóbada a cobri-la, e ao concebê-la tivemos o fim de traduzir 2 pontos filosóficamente essenciais: a simplicidade e a dignidade.

A simplicidade da Doutrina de uma Verdade que só por si é evidente e a dignidade com que o homem pretende ou deve pretender atingir essa Verdade.

Poderá à primeira vista parecer que no nosso trabalho tivesse havido a preocupação do absolutamente inédito, do absolutamente pessoal, do absolutamente novo, do absolutamente contra o comum.

Não Senhor Director, a solução que apresentámos não era inédita nem nova. Ela é até bastante antiga, vem dos tempos do Panteon de Roma, da Igreja de St.<sup>a</sup> Maria de Roma, e mais próximas, as de St.<sup>a</sup> Engrácia e do Senhor das Pedras em Obidos.

Não é pessoal porque na sua concepção e solução colaboraram as mais competentes entidades eclesásticas na matéria.

Dentro da nossa modéstia, procurámos dar ao nosso estudo um mínimo de equilíbrio e harmonia, quer pela pureza das suas linhas, quer pela beleza da sua estrutura. Naturalmente para que uma obra tenha a sua unidade e lógica não se torna possível

## CONCURSO

para um Alino de Sagres

TERMINA em 9 de Abril o prazo para entrega, na «Casa do Algarve», das composições musicais do Hino de Sagres, cuja letra, oferecida à colectividade por autor anónimo, foi oportunamente divulgada. A composição musical mais classificada será atribuído o «Prémio Libânio Correia», de 1.000\$00.

transigir com o gosto de todos. O arquitecto tem uma missão pedagógica e a arquitectura é portanto uma expressão de cultura. Desejariamos ser compreendidos por todos, mas importa-nos sobretudo a camada mais culta. Pedimos por isso aos leitores do V. conceituado Semanário toda a boa vontade na apreciação dos trabalhos expostos.

Quanto ao ambiente religioso, constituiu este ponto no nosso trabalho o expoente máximo da nossa preocupação. Outra coisa não poderia esperar-se de quem nasceu e foi criado no seio de uma família cristã e frequentou o Seminário Maior dos Olivais.

Julgamos ter dado ao interior certa unção religiosa e esperámos ter concebido um edifício que o próprio povo viria a amar.

Para terminar resta-nos esclarecer que, sob o ponto de vista orçamental o nosso edifício estava muito para aquém do orçamento proposto pelas condições do Concurso. Segundo estas, a obra não deveria ultrapassar dois mil contos. Dada a concepção do nosso Templo, o orçamento por nós apresentado anda por volta dos 1.290 contos. Julgo que este factor é de capital importância, pois parece-nos que são limitados os recursos do Santuário.

Pedimos novamente a esclarecida atenção de V. Ex.<sup>a</sup> para este assunto e desde já agradecemos em nome de todos a colaboração que nos puder prestar.

De V. Ex.<sup>a</sup> Att.<sup>o</sup> e Obrgd.

Lisboa, 22 de Março de 1957.

O Arquitecto,  
Nereus Fernandes

## EDITAL

António Eleutério Antunes Costa, Juiz do Tribunal das Execuções Fiscais do concelho de Loulé.

Faz saber que no dia 9 de Abril do corrente ano, pelas 11 horas vai em terceira e última praça, à porta da Secção de Finanças do concelho de Loulé sem valor, o capital litigioso de 414\$50, de que é credora a executada firma de Mol duros do Norte, Ld.<sup>a</sup> de Vila Nova de Gaia e devedor José da Gória Maio, casado fotógrafo e residente em Rua José Fernandes Guerreiro, desta vila, penhorado em mão do segundo para pagamento do imposto S/ Aplicação de Capitais e Contribuição Industrial do ano de mil novecentos e cinquenta e seis, lançado em nome da referida firma na Execução Fiscal Administrativa que a Fazenda Nacional lhe move, como consta no processo N.<sup>o</sup> 2 de depreciação da vinda do concelho de Vila Nova de Gaia, do corrente ano.

Citam-se por este meio quaisquer credores incertos ou desconhecidos.

E para constar se passou o presente e outros de igual teor, que vão ter a publicidade legal.

E eu Anibal Martins Ramos e Barros escrevo das Execuções Fiscais, o subscrevi.

Loulé, 28 de Março de 1957.

O Juiz  
António Eleutério Antunes Costa